

#cm

2

QUINTA-FEIRA

Leão de
Ouro de Jim
Jamursch ruge
na Mostra de SP

PÁGINA 3



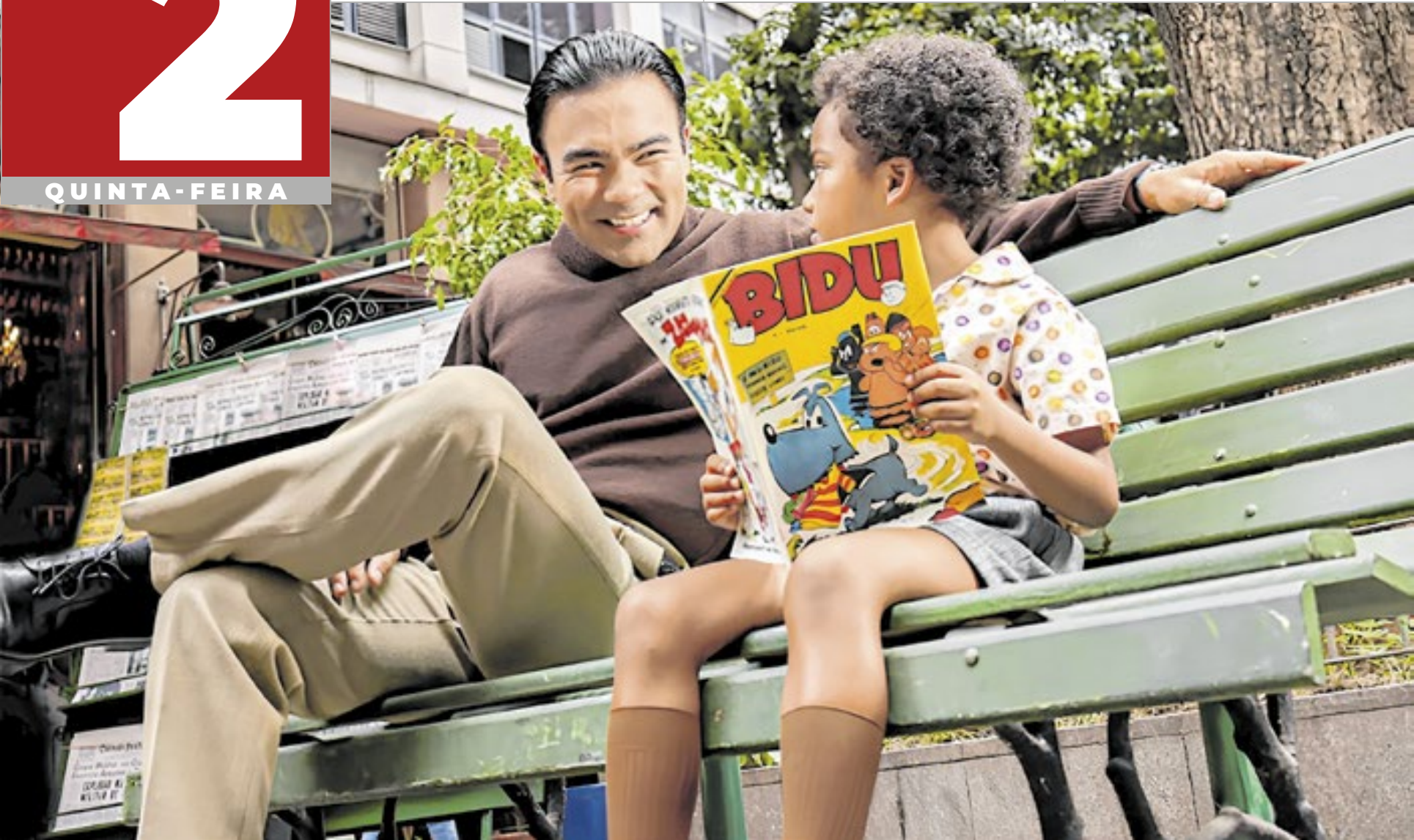
E o hip hop
de Marcelo D2
caiu com
tudo no jazz

PÁGINA 5



'Tom na
Fazenda' está
no I Festival de
Teatro do Rio

PÁGINA 6



Vantoen Pereira Jr/Divulgação

Uma vida digna de cinema

A poucos dias do aniversário de 90 anos, Mauricio de Sousa tem sua trajetória contada em longa

Mauro de
Sousa dá
vida ao
pai em
'Mauricio
de Sousa:
O Filme

Por PEDRO SOBREIRO

É impossível falar em cultura brasileira sem lembrar do mestre dos gibis Mauricio de Sousa, que completa 90 anos na próxima segunda-feira (27), mas ganhará o melhor presente de aniversário possível nesta quinta-feira (23), com a estreia de sua biografia nos cinemas de todo o Brasil. Dirigido por Pedro Vasconcelos e protagonizado por Mauro Sousa, filho do quadrinista, “Mauricio de Sousa: O Filme” teve uma sessão especial nesta terça (21) durante a Mostra de SP.

A convite da Disney, o Correio da Manhã conversou com o diretor e o ator sobre essa biopic que nasceu após o diretor ler o livro “Mauricio: A História Que Não Está no Gibi”. “A ideia despertou em mim depois que li a biografia do Mauricio. Li o livro e pensei: ‘como é que a gente não conhece a história de vida do Mauricio de Sousa? Como não fizeram filme ainda?’. Procurei o Mauricio para contar sobre essa intenção de fazer um filme sobre a sua vida, contando quais foram os desafios, como ele se tornou esse cara, de onde nasceram as ideias dos personagens, como era o processo criativo dele... Enfim. Fui lá, apresentei a ideia e ele gostou”, revelou o diretor. **Continua na página seguinte**

Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Mauro Sousa e Pedro Vasconcelos no set de filmagens

Um gibi em movimento

A grande novidade do longa é a estreia de Mauro Sousa nas telonas. Ao contrário do que alguns possam pensar, ele não sabia do projeto e acabou sendo surpreendido não apenas com a produção, mas principalmente com o convite para dar vida ao pai nos cinemas. “Eu realmente nunca imaginei que isso pudesse acontecer, muito menos que eu pudesse ser o ator que iria interpretá-lo. Então, para mim, foi realmente um susto, uma grande surpresa. A ficha começou a cair quando recebi a ligação do Pedro [Vasconcelos]”, disse.

Ele também contou como foi o processo para entrar no perso-

nagem e afirmou ter feito uma viagem às memórias de quando era criança, mostrando um pouco ao público dessa figura do Mauricio enquanto pai.

“Eu trouxe muito das minhas referências do Mauricio. Dos trejeitos físicos até a maneira como eu acho que ele lidava com as situações, sabe? Postulação de voz, comportamentos, de sentimentos, né? De saber que meu pai poderia ser mais introspectivo em alguns algumas situações, mais extrovertido em outras, mais isso ou aquilo. Eu tive um momento de muitas lembranças, muita nostalgia de realmente lembrar muito do meu pai, de toda a relação que eu tive com ele na infância”, contou.

Porém, ele quis explorar mais o personagem, trazendo sua própria versão e evitando ao máximo parecer uma imitação. “Quis trazer também um pouco da minha experiência, minha técnica enquanto ator. Isso estava muito claro na minha cabeça, até pelo direcionamento do Pedro. Acho que isso não teria nada a ver com o filme.

Além de dar vida ao próprio Mauricio no filme, Mauro tem sua vida intrinsecamente ligada à Mauricio de Sousa Produções [MSP]. Ele cresceu nesse meio e serviu de inspiração para a criação do Nimbus, um dos carismáticos membros da Turma da Mônica. Também atua como diretor-executivo da MSP Estúdios. Então, para Mauro, po-

der ver essa recriação de cenários tão marcantes de sua vida foi uma experiência única. “Tive esse sentimento de nostalgia, de lembrar do meu pai, e acho que outras pessoas vão sentir isso também. A nostalgia é uma viagem gostosa e pudemos voltar a uma época que tinha um certo romantismo, em que o tempo era outro, as interações eram diferentes”, destaca.

Uma das missões mais difíceis na hora de contar a história de um ícone dos gibis é saber perpassar o amor pelos quadrinhos para a linguagem cinematográfica. Mas por ser muito fã das histórias em quadrinhos, Pedro Vasconcelos tentou dirigir o filme como se fosse um grande gibi em movimento, apos-

tando em poucas movimentações das câmeras.

“O conceito para fazer o filme, na minha cabeça, era assim: ‘Como o Mauricio contaria essa história se ele fosse o diretor do filme? Como ele enquadraria as cenas? Como ele dirigiria os atores, como é que ele contaria essa história?’. Então, uma das primeiras coisas que eu entendi é que devia fazer o filme todo em quadrinhos, ou, neste caso, em quadros, né? A câmera não mexe em momento nenhum do filme. Não sei se ficou perceptível para o grande público, mas a gente tentou ao máximo deixar a câmera travada para que houvesse a relação que nós temos com Mauricio, que é através dos seus gibis. Então, eu queria recriar aquele astral dos gibis, eu queria o mesmo enquadramento, que os atores interpretassem como os personagens dele agem dentro dos quadrinhos. Eu queria que fosse uma história contada em quadrinhos, né? E que tivesse o máximo possível do humor, da leveza, da criatividade do Mauricio. Acho que a gente chegou no lugar legal. Eu queria que as pessoas, quando vissem o filme, tivessem mais ou menos a mesma sensação gostosa que a gente tem ao ler um gibi”, revelou.

Por fim, é costume do próprio Mauricio de Sousa chegar a eventos e já perguntar quantas pessoas no recinto aprenderam a ler com a Turma da Mônica. Dessa vez, porém, o filme pode representar o primeiro contato de muitas crianças com a obra do quadrinista. “Acho que, no final das contas, essa era a intenção do meu pai. Ele se reuniu com o Pedro [Vasconcelos] para falar sobre o roteiro e depois comentou comigo que a condição para fazer o filme era que fosse uma obra para todas as idades, para a família inteira. Então, se esse for o primeiro contato que as crianças vão ter com o cinema, acho que vai ser um objetivo cumprido, porque o meu pai queria um filme leve, gostoso, divertido... Para a família inteira. Se o primeiro contato das crianças com o universo da Turma da Mônica fora através do filme, acho que será uma maneira muito bonita de conhecer o Mauricio de Sousa”, disse.

Jarmusch rugue para a Pauliceia

‘Pai Mãe Irmã e Irmão’, comédia dramática que deu o Leão de Ouro ao diretor mais ‘maluco beleza’ dos EUA, passa pela Mostra de SP, renovando o legado ‘indie’ de seu realizador

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Leão de Ouro de 2025, “Pai Mãe Irmã Irmão” (“Father Mother Sister Brother”) vai rugir para o público brasileiro pela primeira vez nesta quinta-feira (23). Às 18h20 desta tarde, o Cinesesc marca a chegada ao país – via Mostra de São Paulo – do longa-metragem que assegurou ao “maluco beleza” Jim Jarmusch sua maior honraria.

Concorrendo com divos autorais de gerações posteriores à sua como o mexicano Guillermo Del Toro, a húngara Ildikó Enyedi, o parisiense François Ozon e o grego Yorgos Lanthimos, o realizador mais “toca Raul” do cinema americano surpreendeu o planisfério cinéfilo ao vencer o Festival de Veneza, derrotando a claqué de rivais supracitada – e sem ter a menor expectativa de vitória.

“Que merda!” foi sua expressão no palco do Lido, o epicentro do evento italiano, ao ser premiado por uma comédia dramática em três segmentos, editada pelo montador brasileiro Affonso Gonçalves. Haverá mais duas sessões dela: dia 27 (segunda-feira), às 21h40, no Cultura Artística, e dia 30 (encerramento da Mostra), às 14h, na Cinemateca.

Um elenco monumental (Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps e Françoise Lebrun) eletrifica uma narrativa trifurcada, salpicada de riscos e lágrimas pelo diretor de 72 anos, encarado desde a década de 1980 como um papa da independência criativa, sem um vínculo sequer com a polí-



Ator queridinho do realizador
Jim Jamursch, Tom Waits está no elenco de ‘Pai Mãe Irmã Irmão’, que deu a Kim Jamursch um Leão de Ouro que nem o diretor esperava

Divulgação



tica dos estúdios. Cada um dos três capítulos dessa produção se ambienta no Presente e em um país diferente. “Pai” se passa no nordeste dos EUA; “Mãe”, em Dublin, na Irlanda; e “Irmã Irmão”, em Paris, na França. O que vemos na tela são breves estudos de personagens, numa mirada tranquila, observacional e sem julgamentos.

Essa é a linha que Jarmusch imprime desde sua entrada nas telonas. Nascido em Akron, em Ohio, Jarmusch estreou em 1980, com “Férias Permanentes”, que lhe rendeu um prêmio no Mannheim-Heidelberg International Film Festival, na Alemanha. O longa seguinte, “Estranhos no Paraíso” ganhou o Leopardo de Ouro no Festival de Locarno de 1984 e o troféu Caméra d’Or de Cannes.

Em ambos, ele ultrapassou os conceitos de “independência” criativa vigente, à época, nos EUA. O modo indie de filmar começou lá no fim dos anos 1950, com John Cassavetes (1929-1989), e ganhou músculos entre 1967 e 1981, com a geração Easy Rider de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola, Brian De Palma e Spielberg, que, quase em bando, fez votos de boa vizinhança com as grandes corporações. Jarmusch, não.

Se há lugar hoje na América para criadores como Sean Baker – coroados com quatro Oscars, em março, por “Anora” –, capazes de filmar com iPhone a fim de encurtar os custos, foi Jarmusch quem arou esse terreno. Um terreno onde Steven Soderbergh, Quentin Tarantino, Darren Aronofsky, Wes Anderson e Paul Thomas Anderson fincaram suas bandeiras. Por isso, a escolha do diretor de “Os Mortos Não Morrem” (longa de abertu-

ra do Festival de Cannes de 2019) pelo júri veneziano, que tinha Fernanda Torres no time, foi um aceno com a liberdade de criar, o que gera uma corrida hoje no streaming por sua obra.

“O Jim é um dos mais importantes diretores independentes do cinema americano, pois faz seus filmes sem comprometer a visão que tem”, disse Affonso Gonçalves ao Correio da Manhã, por Whatsapp. “Metade desse filme novo dele fizemos remotamente: eu em LA e ele em NY. Nas últimas seis semanas trabalhamos juntos em Nova York”, detalha o bamba paulista da edição, que montou “Ainda Estou Aqui” para Walter Salles, e comemorou a conquista do Oscar pelo retrato delicado da resistência à ditadura brasileira.

O tema de Jarmusch em “Pai Mãe Irmã Irmão” são laços de companheirismo. Há um lugar de honra para a lealdade em seu cinema, com destaque para “Daumbailó”, concorrente à Palma de Ouro de 1986. Essa comédia em P&B muito loca narra a convivência de presos de quinta categoria do xilindró à fuga. Um Roberto Benigni pré “A Vida É Bela” (1998) se junta a Tom Waits e John Lurie nesse estudo sobre a vadiagem num país onde time is money. A economia que interessa a Jarmusch não é essa, e, sim, a finança dos afetos.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Michel Gondry não parecia bem disposto em sua passagem pela Berlinale, apesar de ter saído da maratona germânica com o Urso de Cristal da seção Generation pelo desenho animado “Maya, Me Dê Um Título”. Ele virou sensação na Mostra de São Paulo, sobretudo entre as plateias mirins. Na Alemanha, talvez pela sensação térmica de - 5°, sob a neve de fevereiro, ele não exultava a mesma vibração que demonstrou ao levar sua obra para o Festival de Annecy, no calor francês de junho, onde deu até masterclass sobre a arte de animar. Mago dos videocliques na década de 1990, o cineasta francês ganhou um Oscar, 20 anos atrás, por aquela que talvez seja a love story mais tocante (ou, no mínimo, a mais original) do século XXI: “Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças”. Ninguém amou Kate Winslet com mais ardor... pelo menos nas telonas... do que Jim Carrey, que superou até o benquerer de Leonardo DiCaprio por ela em “Titanic” (1997). Ainda existe lirismo na fase atual do diretor de 62 anos, porém ela caminha por um terreno mais... infantojuvenil. A filha pequena dele é personagem e coautora de seus mais novos exercícios autorais. Fez com ela ainda “Maya, Donne-Moi Un Autre Titre”.



Michel Gondry: ‘Concebi esses projetos para me comunicar com a minha filha e incorporei elementos que são parte do imaginário dela’

Brilho bem desenhado

Ganhador do Oscar pela história de amor entre Jim Carrey e Kate Winslet, o francês Michel Gondry traz ao Brasil animação feita em duo com sua filha

O primeiro desses dois experimentos está na Mostra de São Paulo, em sessões no Circuito SP Cine daqui até o dia 29.

“Concebi esses projetos para me comunicar com a minha filha e incorporei ele-

mentos que são parte do imaginário dela, como uma batata frita especial, construindo sua musicalidade a partir de um banco de sons que encontrei na internet, sem buscar que melodia e imagem tivessem uma conec-

xão direta”, disse Gondry ao Correio, em Berlim, quando sua animação virou febre na capital alemã, mesmo com ele meio devagar... devagarinho, andando por aquela metrópole do Velho Mundo. “Quando eu expliquei pra ela o que queria fazer, sua resposta foi um sincero: ‘Bora, vamo fazer’. O maior barato do cinema animado é que, em sua dramaturgia, você pode colocar o mundo em perigo e escalar uma menina como a Maya para salvar a pátria”.

Em sua passagem pelo Rio, há 16 anos, com direito a encontro com Caetano Veloso, em meio a uma retrospectiva de sua obra, o diretor de “Rebobine, Por Favor” (2008) descobriu que muita gente aprendeu a amar (ou acha que aprendeu) assistindo a “Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças”. Fala pouco sobre paixão, mas não evita falar de sua gênese profissional, nos cliques da MTV. “Human Behavior”, com Björk, é o mais aclamado deles.

“Quando a gente fazia esses vídeos musicais, no passado, havia televisão. As pessoas tinham o hábito de parar por horas... uma hora que fosse... para ver os filmes que fazíamos para músicas que viraram hit com a preocupação de não deixar a forma plástica daquelas narrativas ultrapassar a beleza da história narrada nas letras. Hoje, as pessoas assistem a cliques no YouTube como querem. Elas não têm mais espaço na agenda para reverenciarem as tramas que poderiam ser montadas a partir de canções, pois o celular ocupa a atenção de todos e nos devora”, disse Gondry, que já vem sendo cotado para a categoria anima do Oscar de 2026 pelas duas aventuras com Maya.

AS BOAS DA PAULICEIA - QUINTA-FEIRA (23/10)

POR **RODRIGO FONSECA**

DE VOLTA PARA CASA (“Hui Jia”), de Tsai Ming-liang (Taiwan): Nesta análise geopolítica do diretor de “O Buraco” (1997), somos apresentados a Anong, um dos muitos laosianos que deixaram sua terra natal. No início de 2025, ele viajou para rever sua família. Partir parece ser seu destino. “Falo de homens em instâncias distintas da linguagem, que não falam a mesma língua, mas se encontram”, explicou Tsai ao falar o longa na Berlinale. Onde: Cinesesc, 15h.



De Volta Pra Casa

LOVE KILLS, de Luiza Shelling Tubaldini (Brasil): Versão para as telas da HQ homônima de Danilo Beyruth. A trama se passa num centro de São Paulo devastado pelo crack. Na maior metrópole do país, uma jovem vampira, Helena, frequenta um estranho café na metrópole, cativando um garçom ingênuo. À medida que ele descobre os segredos dela e o submundo da cidade, ele é atraído para um mundo perigoso de intrigas. Onde: Cinesesc, 21h.



Love Kills

SEXA, de Gloria Pires (Brasil): Que delícia é ver uma de nossas maiores estrelas estreiar na direção. Gloria é Bárbara, empoderada figura que, aos 60 anos, está indignada com as injustiças do envelhecimento. Depois de seu último romance, ela abre mão do amor para ter uma boa relação com o filho, que a vê como uma idosa recatada e do lar. E ela quer revirar as caixinhas em que a depositaram. Para isso, conjuga o verbo “amar”. Onde: Reserva Cultural, 21h40.



Sexa

E o hip hop caiu no jazz

Trio Sambadrive revisita obra de Marcelo D2 com sonoridade que remete ao samba jazz dos anos 1960 e 70

Por Affonso Nunes

O SambaDrive desembarca oficialmente no Brasil nesta quinta-feira (23), no Manouche. O trio formado por Mauro Berman, Lourenço Monteiro e Pablo Lapidusas se inspira nos lendários grupos instrumentais brasileiros das décadas de 1960 e 70 para criar uma sonoridade que equilibra tradição e modernidade, com a participação especial

de Marcelo D2, parceiro constante do grupo.

A formação nasceu de maneira orgânica, durante passagens de som dos shows de D2, com quem os músicos colaboram frequentemente. Foi nesse ambiente de ensaios e afinidades que surgiu a ideia de revisitar parte da obra do rapper em formato instrumental, imprimindo a identidade própria do trio. O projeto “Marcelo D2 & SambaDrive” estreou internacionalmente e passou por cidades



Marcelo D2 e os músicos do trio Sambadrive abrem o projeto com shows no exterior

como Londres, Paris, Amsterdam, Nova Iorque, Berlim, Miami, Montevideu, Lisboa, Boston e Buenos Aires antes de chegar ao público brasileiro.

O álbum homônimo, lançado em outubro de 2024 pelo selo inglês NightDreamer UK, foi gravado no lendário estúdio Artone, na Holanda, utilizando o processo analógico direct-to-disc — técnica que dispensa mixagens, edições ou pós-produção.

Em 2025, o trabalho recebeu

indicação ao Prêmio da Música Brasileira, e o trio iniciou turnê europeia com apresentações em Londres e no festival Worldwide Sète, na França, a convite do DJ e curador britânico Gilles Peterson. O show no Rio marca a estreia oficial no país e já traz novidades que apontam para o próximo disco.

Divulgação

SERVIÇO SAMBADRIVE & MARCELO D2

Manouche
(Rua Jardim Botânico, 983)
23/10, às 21h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50
(meia solidária com 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)

CRÍTICA / DISCO / JAZZ DIXIELAND COM SOTAQUE TUPINIQUIM

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos do álbum “Jazz Dixieland com Sotaque Tupiniquim”, da Banda Cucamonga, um sexteto instrumental e vocal que buscou nas ruas o mote para sacudir quem os ouve. Sem rebuscamentos harmônicos ou melódicos, mas com talento de sobra e tocando com garra contagiante, a banda cria o que a intuição lhes aponta. O resultado é pura empatia. Escutá-los é ter no rosto um sorriso que nada tirará, pois estará ali como que gravado para sempre.

Autores das dez faixas e das faixas bônus do álbum, a Cucamonga percorre um cortejo musical fantástico e estético pelas ruas imaginárias de um French Quarter, entrando pelos becos de comunidades ribeirinhas brasileiras, seguindo em meio a ruas de terra batida do sertão nordestino, dando a volta em torno

de praças arborizadas cariocas e por avenidas com arranha-céus espetados nas calçadas paulistas.

Trazendo um arranjo entusiasmante, a abertura do CD com “Corjaas” é um fervor! A letra de João Gomes de Sá, cantada e tocada a pleno pulmões pelos músicos, convoca o povo à festança da banda: “Pindorama, Kariri/ Tupiniquim, Pankaruru/ Guarani, Caboclinhos/ (...) Com licença/ sou o Jazz Tupiniquim/ na sua aldeia/ Salve, salve a Dona da Casa/ Essa Luz que me alumeia/ Terra à vista, chegada/ Viva a Nau Catarineta”. A sonoridade da Cucamonga tem o sabor da felicidade de quando se recebe uma notícia boa ou um beijo

Um grande achado, um ótimo álbum

Divulgação



apaixonado.

Resta ir atrás e se divertir com sua pegada circense. Plena de soluções musicais ricas e inusitadas, onde não faltam dixieland, maracatu, frevo, bumba-meu-boi, reizado, ciranda, xote, baião e martelo agalopado, a formação instrumen-

tal é o há que de melhor para ser apreciada por ouvidos ávidos por novidades.

Pleno de improvisos e arranjos fecundos, o repertório vem pelos instrumentistas Mesaac Brito (trompete), Marcos Lúcio (clarinete), Fernando Thomé (banjo), José Renato (tuba e souzafone) e Ricardo Reis (washboard – a clássica tábua de lavar que virou percussão), mais as vozes da Banda Cucamonga.

Ao ouvi-los, transvejam (apud Manoel de Barros) a profundidade do curso musical que açula as ruas e as criações rítmicas e culturais do Brasil. Depois da audição, confessem se lhes deu vontade de segui-lo

rumo à fantasia de que a música há de nos redimir e mudar a vida de toda a gente.

Mas, se não for exatamente assim, que pelo menos a música contribua para fazer do mundo um bom lugar para criar os filhos e torná-los cidadãos. Tudo para que, dentro do possível, tenhamos confiança que a música que temos em nós se tornará companheira de sonhos (im)possíveis. Ouça o álbum em <https://acesse.one/CNpK4>.

Ficha técnica

Gravação, mixagem e masterização: Adonias Souza Jr.; produção musical, composição, arranjos e direção artística: Banda Cucamonga; coordenação de produção e letras: João Gomes de Sá e Banda Cucamonga; design da capa: Raro de Oliveira; fotografia: José de Holanda.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Na teia de mentiras e silêncios

A premiada 'Tom na Fazenda' retorna aos palcos cariocas com apresentação na grade do I Festival de Teatro do Rio

Um dos maiores sucessos teatrais da década passada chega ao Teatro Riachuelo nesta quinta-feira (23), às 20h, dentro da programação do 1º Festival de Teatro do Rio de Janeiro. “Tom na Fazenda”, texto do dramaturgo canadense Michel Marc Bouchard, construiu uma trajetória singular desde sua estreia no Brasil há cerca de quatro anos, arrebatando prêmios como o Shell e o Cesgranrio de melhor ator e melhor diretor, respectivamente para Armando Babaioff e Rodrigo Portella, e conquistando plateias em festivais internacionais de prestígio.

A montagem brasileira ganhou reconhecimento definitivo ao participar do Festival de Avignon, o maior e mais importante evento teatral do mundo, onde se tornou sensação da programação off com filas de espera e cadeiras extras obrigatórias no teatro Château de

Saint-Chamand, do coletivo La Manufacture.

O arquiteto dessa empreitada foi o próprio Babaioff que, ao conhecer o texto original em francês “Tom à la Ferme”, decidiu encená-lo, fez a tradução e usou recursos próprios para compor o que, segundo Bouchard, é a montagem definitiva de sua obra. Aos 44 anos, Babaioff é um ator reconhecido no mercado com papéis em dezenas de novelas, peças de teatro, séries e filmes, além de prêmios por suas interpretações de grandes vilões na televisão. Mas é no papel de Tom que ele se consagra entregando uma performance arrebatadora.

A peça toca no nervo de uma das maiores angústias da humanidade: conhecer as pessoas, mesmo aquelas mais íntimas, aproximar-se verdadeiramente, saber o que vai no coração dos outros é uma tarefa praticamente irrealizável. “Tom na Fazenda” transforma essas ques-

tões existenciais em um verdadeiro redemoinho de sentimentos controversos, numa construção dramática rara e equilibrada que explora os abismos da comunicação humana e os segredos que carregamos.

A trama acompanha Tom, um publicitário que viaja para o interior para o funeral de seu companheiro Guillaume. Ao chegar à fazenda da família, ele se vê envolvido em uma teia de mentiras, silêncios e revelações perturbadoras, especialmente na relação com Francis, o irmão mais velho e violento de Guillaume, que desconhecia a orientação sexual do falecido. Michel Marc Bouchard, autor do texto original, sintetiza essa trama com a frase “homossexuais aprendem a mentir antes mesmo de aprender a amar”.

Babaioff divide a cena com Denise Del Vecchio, Iano Salomão e Camila Nhary, que jogam e se

jogam em diálogos absolutamente cortantes, procurando esconder o que se quer dizer, mas acabam por mostrar o que se sente. A química entre os intérpretes cria uma atmosfera de tensão constante, onde cada palavra não dita pesa tanto quanto as que são pronunciadas. Para mostrar que vida, paixão, separação e morte andam juntas, como se fossem notas e tempos de uma mesma sinfonia, a direção de Rodrigo Portella busca, com enorme eficiência e originalidade, uma moldura sombria na composição do cenário, dos figurinos e da luz. Ao mesmo tempo, a aridez, a dificuldade e a repetição se tornam os elementos pelos quais o encenador opta para radicalizar que o conflito, na verdade, nem deveria existir - se não fosse o peso esmagador dos preconceitos, dos não-ditos e das convenções sociais que aprisionam os personagens.

A trajetória internacional da

montagem brasileira começou após participar e ser premiada no Festival de Quebec, ganhando reconhecimento que abriu portas para o convite ao Festival de Avignon. Na cidade francesa, o espetáculo dirigido por Portella se tornou a principal sensação do evento, conquistando crítica e público. “Estou sonhando acordado”, vibrava Babaioff repetidas vezes durante a temporada europeia.

“Tom na Fazenda” reafirma o poder do teatro como espaço de investigação das complexidades humanas e como experiência transformadora para quem se entrega a esse desafio.

SERVIÇO

TOM NA FAZENDA

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38)

23/10, às 20h

Ingressos entre R\$ 50 (balcão) a R\$ 200 (plateia vip)



Memória e transformação

Performance ‘Ouroboros’ propõe experiência sensorial imersiva na interpretação de Rafa Machado

A serpente que devora a própria cauda, símbolo presente em diferentes culturas, leva sua potência cíclica à performance “Ouroboros”, em cartaz às terças no Teatro Cândido Mendes. Essa metáfora permeia uma experiência cênica que convida o público a mergulhar nos ciclos de morte e renascimento. A proposta da artista Rafa Machado, que idealiza e interpreta a obra, parte da premissa de reconexão com o próprio corpo através dos sentidos como caminho de resgate da presença e da ancestralidade.



Bruna Menezes/Divulgação

‘Ouroboros’ nasce de um poema, vira curta e agora performance cênica

Originalmente um poema escrito por Rafa Machado, o texto inspirou a realização de um curta-metragem homônimo que, por sua vez, desdobrou-se na criação cênica que chega aos palcos.

Sob a direção de Alexandra Azambuja e com direção de movimento e preparação corporal de Mylena Carreiro, a performance constrói uma cena em que corpo, som, aroma e imagem se entrelaçam para criar uma vivência

imersiva, levando o espectador a abandonar a posição passiva de quem apenas assiste para, de alguma forma, sentir-se dentro da dramaturgia.

Rafa conta que as reações têm sido tão diversas quanto intensas. Há quem saia em silêncio, visivelmente emocionado, processando internamente a experiência vivida. Outros descrevem a vivência como uma viagem guiada pelos sentidos, um deslocamento que não se dá no espaço físico, mas nas camadas de percepção e memória que habitam o corpo. Para ela, essas respostas confirmam o verdadeiro propósito da criação. “É sobre lembrar o espaço que somos e habitamos”, afirma a artista.

A performance dialoga com pesquisas cênicas que entendem o corpo não apenas como instrumento de representação, mas como território de memória, afeto e conhecimento. O resgate da ancestralidade proposto pela obra não se refere a um passado distante, mas às camadas de experiência de nossa própria materialidade corporal.

SERVIÇO

OUROBOROS

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
28/10, às 20h | R\$ 66 e R\$ 33 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Ritinha do Rock

O espetáculo “Ritinha Rock & Roll – Rita Lee para Crianças”, oitavo trabalho do projeto “Grandes Músicos para Pequenos”, está em cartaz na EcoVilla Ri Happy. Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção de Diego Moraes, direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Natacha Travassos, a montagem acompanha uma menina que sonha em transformar o mundo através do rock. A trilha inclui sucessos como “Lança Perfume” e “Jardins da Babilônia”. Temporada até 16 de novembro.

Andrea Rocha/Divulgação



Renato Mangolim/Divulgação



Divulgação



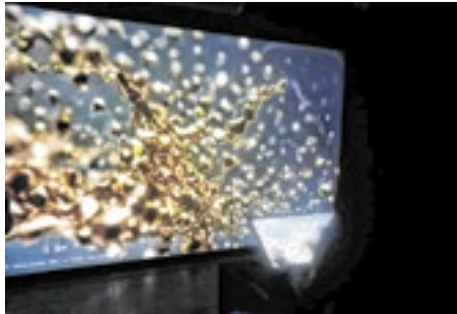
Universo feminino

Com direção de Sergio Fonta, o espetáculo “Palavras de Mulher” reúne no palco Claudia Mauro, Izabella Bicalho, Laura Proença e Stella Maria Rodrigues. A montagem propõe um encontro fictício de escritoras em uma “Biblioteca do Paraíso”, onde dialogam sobre memórias, o universo feminino e a vida. O trabalho busca destacar a relevância contemporânea de obras literárias que influenciaram diferentes gerações, valorizando o poder da palavra como instrumento de transformação. Apresentações às terças e quartas-feiras, até o dia 29, no Teatro Laura Alvim.

Não às cobranças

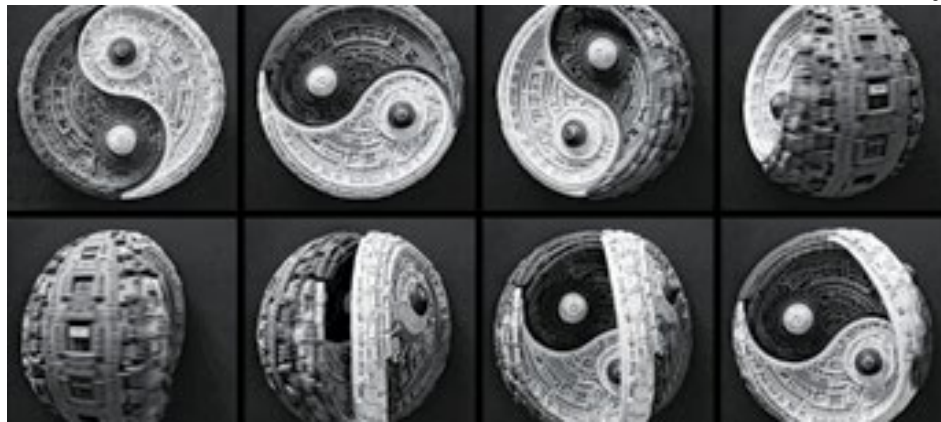
A Trupe Qualquer apresenta “Café com Leite” no Teatro Municipal Domingos Oliveira, no Planetário da Gávea. A montagem aborda a pressão sobre crianças sobrecarregadas com atividades e expectativas. Dirigida por Rafael Coutinho, a peça acompanha Aninha, menina que recusa envolvimento diante de cobranças adultas. Com referências a Macbeth de Shakespeare e trilha que mescla viola mineira e rap, o espetáculo já passou por nove cidades brasileiras. Elenco: Giovanna Stehling, Jeann Cavallari, Beatriz Lira e Christiam Concolato. Até domingo (26).

João Pequeno/Metaverse Agency



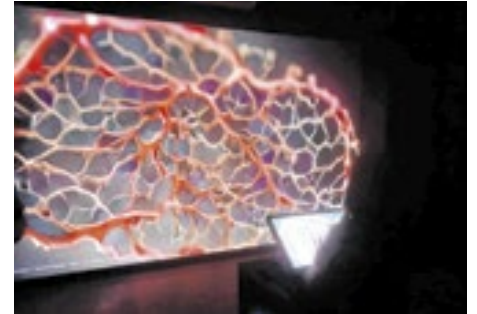
ElementAls estouros

Marlus Araújo



O Tao do Algoritmo

João Pequeno/Metaverse Agency



ElementAls veias

Isto (é ou) não é um prompt (?)

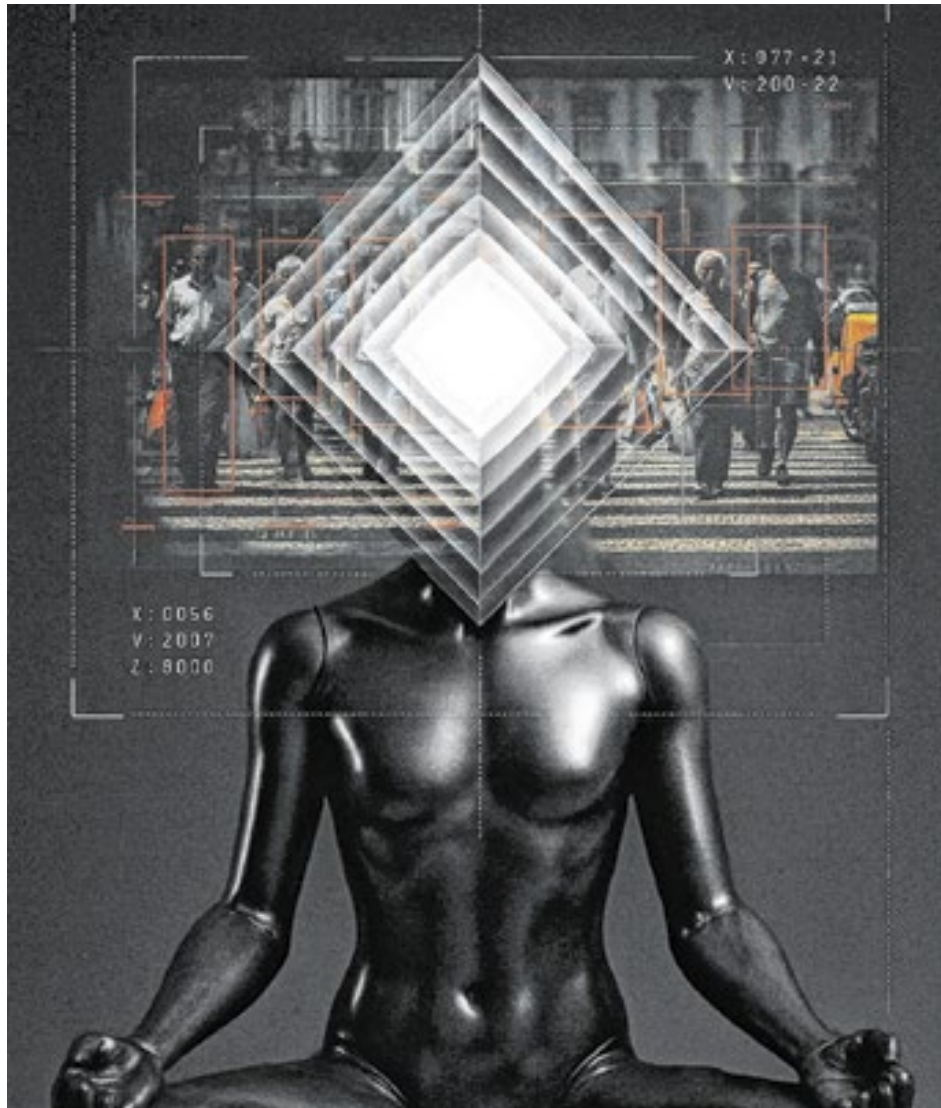
Mostra digital reúne na Meta Gallery instalações de IA que reagem de forma autônoma em relação aos visitantes

João Pequeno/Metaverse Agency



Captura Involuntária

Marlus Araújo



Isto não é um Prompt

Por Affonso Nunes

Espaço pioneiro em arte digital no Rio, a Meta Gallery estende por mais um mês a exposição “Isto Não é Um Prompt”, do artista computacional Marlus Araújo, que agora conta com uma atração adicional. A mostra, que explora as possibilidades criativas da inteligência artificial através de instalações interativas, permanece em cartaz até o dia 31.

A novidade que motivou a prorrogação é “O Tao do Algoritmo”, uma animação holográfica cocriada com IA que recebe os visitantes logo na entrada da galeria. A obra parte do símbolo milenar do yin-yang e o desdobra em geometrias fractais, estabelecendo um diálogo visual entre dualidades: o código binário manifesta-se em luz e sombras, enquanto o orgânico e o artificial se entrelaçam em movimento contínuo num curioso diálogo entre tecnologias contemporâneas e o legado mile-

nar da filosofia oriental.

Com curadoria da pesquisadora em Tecnologia e Sociedade Paula Martini, a exposição reúne agora quatro trabalhos que compartilham uma característica incomum: tomam a iniciativa da interação, reagindo à presença humana sem necessidade de acionamento direto. Essa inversão de papéis questiona a relação tradicionalmente estabelecida entre usuários e máquinas, colocando a IA em posição ativa de observação e criação.

Ainda antes de entrar na galeria, o público já é capturado por “Captura Involuntária”, instalação que produz visualizações em tempo real das pessoas que transitam pela calçada, funcionando como um convite visual para adentrar o espaço expositivo. Uma vez dentro, “ElementAls” oferece experiências visuais imersivas ao traduzir os elementos da natureza através de algoritmos de inteligência artificial, criando ambientes que se transformam continuamente.

O ponto alto da mostra é “Maboroshi”, escultura robótica desenvolvida em parceria com Gabriela Castro. Equipada com sensores de movimento, a obra acompanha os visitantes com o olhar, invertendo a dinâmica habitual das exposições e gerando a inquietante sensação de ser observado pela própria arte. O nome japonês, que pode ser traduzido como “ilusão” ou “fantasma”, reforça essa experiência perturbadora de vigilância tecnológica.

“Trata-se de uma Inteligência Artificial que, em vez de ser acionada pelo usuário, toma iniciativa da primeira ação”, explica Marlus Araújo, que questiona assim o papel passivo tradicionalmente atribuído às máquinas, propondo uma reflexão sobre autonomia tecnológica e os limites cada vez mais difusos entre observador e observado, criador e criatura, humano e artificial.

SERVIÇO

ISTO NÃO É UM PROMPT

Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40, Centro) | Até 31/10, se segunda a sexta-feira (10h às 18h) | entrada franca